



REINO UNIDO

Hora da reconstrução

Depois de se reunir com o rei Charles III, o trabalhista Keir Starmer é oficializado como novo premiê e promete um trabalho imediato de mudança. Entre os nomes do gabinete, está a primeira mulher a ocupar o Ministério das Finanças em 800 anos

» RODRIGO CRAVEIRO

O gabinete com maior número de mulheres na história do Reino Unido; a primeira mulher a ocupar o Ministério das Finanças em 800 anos; uma transição ordeira e civilizada; e um chanceler (David Lammy) descendente de escravizados, que mal assumiu o cargo e pediu um cessar-fogo imediato na Faixa de Gaza. Depois de uma vitória avassaladora dos trabalhistas, ao conquistarem 412 dos 659 assentos do Parlamento, contra apenas 121 para os conservadores, o novo premiê britânico, Keir Starmer, 61 anos, cumpriu o ritual, inclinou-se ante o rei Charles III, na cerimônia “beija-mão” e fez o primeiro discurso em frente à 10 Downing Street, a residência da chefe de governo.

“Mudar uma nação não é como apertar um botão. E o mundo, agora, é um local mais volátil. Isso levará tempo. Mas, não tenham dúvidas de que o trabalho da mudança começa imediatamente. Não tenham dúvidas de que reconstruiremos a Grã-Bretanha”, declarou Starmer.

O ex-procurador que comandará o Reino Unido fez questão de agradecer o agora antecessor Rishi Sunak. “Por sua façanha, como o primeiro premiê britânico-asiático de nosso país. (...) Reconhecemos a dedicação e o trabalho árduo que

Paul Ellis/AFP



Keir Starmer, líder do Partido Trabalhista, discursa à nação, em frente a 10 Downing Street

Paul Ellis/AFP



Rachel Reeves comandará a economia britânica

ele trouxe com a sua liderança”, disse. Starmer prometeu que a reconstrução do Reino Unido será feita “tijolo por tijolo”.

Segundo o novo premiê, o Reino Unido “precisa de um reinício maior, uma redescoberta de quem somos”. “Não importa quão violentas sejam as tempestades da história, uma das grandes forças desta nação sempre tem sido nossa capacidade

de navegar em águas mais calmas”, lembrou Starmer. “De agora em diante, vocês têm um governo livre de doutrina, guiado apenas pela determinação de servir aos seus interesses. Para desafiar, silenciosamente, aqueles que descartaram o nosso país. Vocês nos deram um mandato claro e nós o usaremos para entregar mudanças, para restaurar (...) o respeito pela política.”

A extrema direita, o partido Reform UK, de Nigel Farage, 60, conseguiu cinco assentos no Parlamento. O próprio Farage também obteve uma cadeira, depois de oito tentativas. “Isso é enorme, rapaz”, comemorou, em um vídeo intitulado *A revolta contra o establishment começou* publicado na rede social X. O Partido Conservador, de Sunak, teve o pior desempenho eleitoral em

quase dois séculos. Em seu ato de renúncia, Sunak assegurou que deu tudo de si para liderar o Reino Unido. “Vocês enviaram uma mensagem clara e o julgamento que fizeram é a única coisa que importa. É um dia difícil, mas saio do cargo honrado, por ter sido o primeiro-ministro do melhor país do mundo.”

O jornalista britânico Tom Baldwin, autor do best

seller *Keir Starmer — The biography Keir Starmer — A biografia*, contou ao **Correio** que conheceu o novo primeiro-ministro entre 2014 e 2015. “Foi durante a campanha contra o Brexit (divórcio entre o Reino Unido e a União Europeia). No início, ele não queria uma biografia e se mostrava embaraçoso sobre o fato de eu escrever sobre sua história. Comecei a escrevê-la em 2023 e terminei em fevereiro passado”, afirmou, por telefone. “Starmer disse que eu poderia ter acesso completo a ele próprio, aos familiares, amigos e assistentes. A razão pela qual o livro vale a pena está no fato de as pessoas crearem que Starmer é um personagem muito influente e interessante.”

Classe trabalhadora

Baldwin (**leia Três perguntas para**) admitiu que a nova ministra das Finanças, Rachel Reeves, será uma figura-chave no governo de Starmer. “Ao contrário do último governo trabalhista, que contou com disputas entre o premiê Tony Blair e seu ministro Gordon Brown, Reeves e Starmer parecem se dar muito bem e partilhar os mesmos objetivos”, avaliou. “Este será um gabinete da classe trabalhadora, com líderes que foram subestimados, mas que provaram o seu valor, ao superar os obstáculos.”

Três perguntas para

Arquivo pessoal



TOM BALDWIN, jornalista britânico, autor de *Keir Starmer — The biography Keir Starmer — A biografia*

Quais as principais características de Keir Starmer enquanto político?

Ele é implacável. Às vezes, impiedoso e totalmente focado. Provavelmente, será mais adequado como primeiro-ministro, pois lhe faltam algumas competências políticas essenciais ou o “carisma”, outrora vistos como

necessários para ser um líder de oposição eficaz.

O senhor acredita que ele será capaz de reconstruir o Reino Unido?

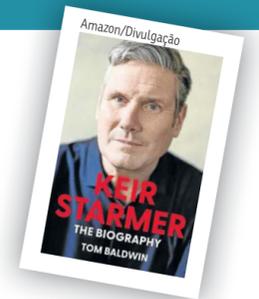
Starmer enfrenta uma pressão imediata para garantir maior crescimento econômico, que evitaria a necessidade de cortes nas despesas ou aumento de impostos, duas coisas que ele prefere não fazer. A curto prazo, para conseguir isso, terá que promover uma

grande desregulamentação das leis de planejamento, as quais farão novos inimigos dele. Starmer também ficará pouco à vontade com as medidas de longo prazo, como o planejamento industrial e investimentos em infraestrutura.

O que se pode esperar do novo governo?

Starmer se tornará, progressivamente, mais radical na perseguição a seus objetivos, mas

por motivos pragmáticos. Ele não faz a habitual atitude política de expor a sua “grande visão” para o país e não concretizá-la. Simplesmente segue em frente. Foi assim que ele mudou o Partido Trabalhista, sem alarde ou pirotecnia, para que se voltasse para fora, para o público, em vez de para dentro, para os seus ativistas. Starmer é uma espécie de antipopulista, em uma época em que aqueles que oferecem soluções simples e slogans de três



ou quatro palavras para problemas complexos prosperam na política internacional. (RC)

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Faz de conta que não me viu

O presidente Lula e o colega argentino, Javier Milei, decidiram passar o fim de semana praticando a manobra diplomática de ignorar-se mutuamente, embora cada um atento aos passos e, principalmente, às palavras do outro. Em especial, Planalto e Itamaraty estarão atentos ao que venha a ser dito pelo vizinho, que vem a Santa Catarina para um fórum internacional de extrema direita, a Conferência de Ação Política Conservadora (CPAC), criada nos EUA nos anos 1970.

Como fez recentemente na Espanha, Milei optou por uma viagem extraoficial, “privada”, sem qualquer tipo de agenda com o colega — e desafeto público. Na ex-metrópole colonial, igualmente durante encontro com correligionários europeus, o presidente argentino ofendeu a mulher do premiê socialista Pedro Sánchez — chamou-a de corrupta. Madri retirou seu embaixador de Buenos Aires, sem data prevista para o retorno.

Com quem andas

Por aqui, os dois líderes naturais do Mercosul e de qualquer processo de integração sul-americana colecionam manifestações de adversidade política — públicas ou nem tanto. Durante a campanha pela Casa Rosada, em 2023, Milei anunciou que não conversaria com o vizinho “comunista”. Não teve a presença de Lula em sua posse, mas recebeu Jair Bolsonaro com honras de Estado.

O ex-presidente, os filhos e outros expoentes do bolsonarismo e da direita estarão em Balneario Camboriú e terão encontros com o visitante. Uns e outros tratarão de aproveitar o palanque e os holofotes para defender o ideário comum antiesquerda e alfinetar o governo petista.

Nem te ligo

Por parte do Planalto, a orientação é não servir de alto-falante

para a ultradireita. Já há algum tempo Lula deixou de responder aos repetidos ataques feitos pelo colega via redes sociais. Em público, refere-se à importância da Argentina para a política externa brasileira e reitera a disposição de conversar institucionalmente com quem quer que seja.

Mas a diplomacia profissional foi colocada em alerta para o fórum de Camboriú. Se a ideia geral é rejeitar o bate-boca, declarações públicas serão submetidas ao pente-fino. A ordem é responder a agressões e ofensas com as “medidas diplomáticas adequadas”, o que pode incluir a chamada do embaixador brasileiro para consultas ou mesmo a sua retirada, a exemplo do que fez o governo espanhol.

Histórico escolar

Em pouco mais de seis meses no palácio, Javier Milei acumula um histórico de atritos e desavenças, dos quais a crise com a

Espanha é o exemplo mais grave. Algo semelhante ocorreu em março com a Colômbia, que retirou seu embaixador de Buenos Aires e expulsou de Bogotá o pessoal diplomático argentino. Foi a resposta a uma sequência de tuíadas em que o presidente chamou de “terrorista assassino” o colega Gustavo Petro, ex-guerrilheiro de esquerda reintegrado à política civil há mais de 30 anos. As relações foram normalizadas em abril.

Milei vive também um impasse com a Venezuela, desde março, quando seis opositores do presidente Nicolás Maduro se refugiaram na embaixada argentina em Caracas. Os asilados alegam sofrer perseguições, no contexto da campanha para a eleição presidencial de 28 de julho.

Um pra lá, dois pra cá

A disputa pelo Palácio Miraflores, por sinal, promete esticar a corda entre a Casa Rosada, de um lado, e o Planalto e a Casa de Nariño, do outro. Milei se alinha aos adversários de

Maduro, inclusive, os externos, que colocam em dúvida a lisura do processo. Começando pela exclusão de vários candidatos opositores, inclusive, a principal entre eles, a ex-deputada María Corina Machado. Os governos de esquerda do Brasil e da Colômbia movimentam a diplomacia para evitar que se repita a crise de 2019, quando a oposição venezuelana declarou a ilegítima a reeleição do presidente e nomeou um interino, o deputado Juan Guaidó — sem maior resultado concreto.

A três domingos da votação, a maior parte das pesquisas dá vantagem ao desafiante Edmundo González, embora haja também sondagens favoráveis ao governo. Maduro comprometeu-se a aceitar os resultados, mas retirou o convite feito anteriormente a uma missão de observação europeia.

Olho nas urnas

Por falar em eleições, duas outras merecem atenção, embora estejam fora do alcance desta edição da

coluna. Ontem, os iranianos votaram no segundo turno da eleição presidencial, convocada extraordinariamente após a morte accidental do titular, Ebrahim Raisi. O médico Massud Pezeshkian, um liberal para os padrões da República Islâmica, enfrentou o conservador Said Jalili, negociador linha-dura do impasse em torno do programa nuclear. Lá, a expectativa é pelo comparecimento dos eleitores: no primeiro turno, ela foi de 40%.

Amanhã, será a vez de os franceses decidirem se a extrema-direita terá maioria na Assembleia Nacional e fará o primeiro-ministro, forçando o presidente Emmanuel Macron a “coabitar” com um adversário na chefia do governo. Vencedora do primeiro turno, com um terço da votação, a Reunião Nacional enfrenta agora um acordo tácito entre o bloco centrado do presidente, terceiro colocado no domingo passado, e a Nova Frente Popular, de esquerda. Na França, ao contrário do Irã, a participação nas urnas promete bater recordes.